

# A FAINA RURAL



poeta Cesário Verde, que a morte levou em plena mocidade, nos seus versos saúdáveis, de um saboroso naturalismo, tanta vez imitado mas nunca atingido, ao falar da faina do campo, da rude labuta do lavrador contra as intempéries—o granizo, a queima, as secas, as epidemias, a invernia—e contra todos os malefícios do tempo, dos homens e dos bichos, dizia naquela simplicidade impressionante que ainda hoje enternece e convence:

*Ah! o campo não é um passatempo  
com bucolismos, rouxinois, luar...*

Não; não é. A cidade que o procura, como antídoto à vida agitada em que ferve, é que o imagina assim pelo contraste encontrado e surpreendido nos dias escolhidos para repouso em que mal pode entrever todo o panorama de trabalho, de sacrifício, de luta, desenrolado atrás do ineditismo de cada aspecto e disfarçado pela poesia com que êle nos ilude.

No litoral ou no interior, na planície ou na serra, nos vales refrescantes e úmidos ou nas chapadas sêcas, o povo moireja todo o ano na vigia do mar e do campo, arrancando, a um, o peixe, o sal, o adubo, e, a outro, o pão, o vinho, o azeite, a fruta, a verdura da horta, nos mil trabalhos sucessivos da agricultura da água e da terra.

A faina rural é dura. Para viver, para que os outros vivam, a máquina humana utiliza tôdas as energias, todos os movimentos, todos os recursos do cérebro e do músculo. E a enxada, o alvião, o podão, o malho, a rede, o ancinho, a vara, o arado, a mó, abatem-se e erguem-se, agitam-se, rolam, fustigam, raspam, cortam, recolhem, profundam, revolvem, nas mãos generosas dos trabalhadores.

Como os cidadãos, o povo rural para aligeirar o esforço violento que a terra e o mar lhe pedem todo o santo ano, para festejar a chuva benéfica, ou o calor que vem a ponto, para os pedir à Providência, para contrabalançar os sustos do «cão do Tempo» que contraria a sementeira, o orçamento, a colheita, também se diverte, também canta, também baila, também arma a sua festa colorida e estridente sobre os últimos bagos recolhidos na eira, sobre o derradeiro pâmpano apanhado na vinha rasteira ou na ramada alta, sobre o recolher da rede mais cheia, sobre o final, enfim, de cada um dos seus labores intensos.

Conservador por instinto, o povo rural guarda nessas horas festivas, com o culto cristão, o culto de Ceres, de Baco e de todos os Deuses pagãos, e dá aos outros a poesia que êle não apreende porque é o seu criador.

A agricultura do mar, tão rica de tradição, tão representadora do passado, desenrola um filme de raro pitoresco em tôda a orla da marinha, profundando-a pelas embocaduras dos rios, nos quadros brancos das salinas, onde o sal, cujo carácter sagrado mantém uma série de ritos, se recolhe, acama e ergue nos «caldeirões da moira». É ir à foz do Mondego, do Tejo, do Douro e do Sado, às rias algarvias e aveirenses, aos esteiros de Lavos, Ílhavo, Esgueira, Tavira, Faro e Portimão, onde os marítimos, descendentes dos que entravam na quinhentista «roda do sal» (que dava um ano de venda a cada marinha), cultivam os alagadiços e os salgados, como outrora as baixas, hoje aterradas, de Frielas e de Sacavém.

O labor dos «marnoteiros» na umidade da terra, onde o verde das «naves» se isola a meio dos tabuleiros brancos, é duro e extenuante. Preparar o «lugar», abrir os «viveiros» e depois os «algibebes», onde o sal se deposita antes de entrar nos «caldeirões» e chegar à «talharia», armar a serra «das matrizes» e mantea-las de palha e lama secca para que se conservem, é trabalho que os descansos, nos «tropeços» da casa da marinha, mal compensam enquanto a ampulheta primitiva vai marcando a brevidade da folga, aproveitada para o entalhar, nas «tabuinhas» e nas fôrmas dos «pães de sal», tôdas as fantasias decorativas da arte popular.

O «moliceiro» da Torreira e o de Aveiro, como o «sargaceiro» de Fão, Esposende e São Bartolomeu do Mar, são outros agricultores marinhos, pescadores do adubo que há-de fortificar os campinhos e criar bem o milho. ¡Que espectáculo estranho o dessa agricultura piscatória! Rimas de sargaço e de mexoalho, pirâmides sujas de algas sobre a areia doirada da praia, o movimento das padiolas poçadas de viscosidades escorrendo água salgada, os carros boieiros, gemendo ao transportar, depois, estrada fora, a montanha de sargaço! E os homens de comprido casaco de «branqueta» ou de «varas» apertado à cinta, que lembra o saio medievo, agironado, coifados do «catalão» de côr, empunham as «gravetas», de agudos e compridos dentes, ou o «gadanho» de ponta anzolada para a pesca do polvo, agitando-se nas dunas, à espera que as ondas lhe tragam a «flôr de maio» ou o «mimo do inverno». Elas, loiras, sardentas,